

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa, Caminho, 2008.

Lendo a Zambézia: Processos de hibridação em **O alegre canto da perdiz**

Ana Luísa Teixeira\*

**O alegre canto da perdiz**, último romance de Paulina Chiziane publicado em Portugal em 2008, reafirma o seu papel central e continuado na consolidação de uma voz feminina autoral em Moçambique.

Sem nos determos no debate sobre a existência, ou não, de uma escrita feminina que relaciona conteúdos temáticos e formatos estilísticos à identidade de gênero da voz autoral, constatamos, uma vez mais, que a narrativa de Chiziane continua a materializar a condição da mulher moçambicana, contextualizando-a social e culturalmente.

Desde o seu primeiro romance, **Balada de amor ao vento** (com uma primeira edição de autor em 1991 e publicado em Portugal em 2003), Chiziane tem construído universos femininos desenhados em constantes fusões entre tradição e modernidade, que proporcionam um encontro criativo entre ficção, realidades históricas e conceptualizações antropológicas: a guerra civil, em **Ventos do apocalipse** (1999), a emergência de uma lógica neo-colonial em **O sétimo juramento** (2000), a reinvenção idiossincrática em **Niketeche, uma história de poligamia** (2002).

Em **O alegre canto da perdiz**, a autora esculpe um diálogo entre realidades cronológicas distintas e materializadas numa construção multi-geracional, expressa em vozes femininas. A história de Maria das Dores, mulher que surge seminua às margens do rio Licungo, é a própria metáfora da busca de entendimento identitário. Personagem que causa repulsa e escandaliza as mulheres “porque o nu de uma se reflecte no corpo da outra” (CHIZIANE, 2008, p. 16). O narrador distingue, desde logo, processos de discriminação racial e de gênero, sendo que a condição feminina potencia um sofrimento indiscutível, que não se pauta exclusivamente pela cor da pele: os homens “negros” sofrem, as mulheres sofrem. Intercalando capítulos sugestivos de uma reflexão sobre a história do papel civilizacional da mulher, frequentemente informados por uma estrutura de enunciação oral, Chiziane universaliza a condição feminina para além de raças, etnias, poder económico ou social.

É justamente da vivência do sofrimento feminino que a autora nos fala, numa

---

\* Instituto Universitário de Lisboa.

construção narrativa analéptica que nos transporta para o universo de Serafina, mãe de Delfina, mulher negra que rejeita a cor da pele e o posicionamento socioeconômico a ela inerente, e cujo amor por um homem negro desconstrói, momentaneamente, o seu projecto de “apuramento da raça” e de subsequente ascensão social. A sua cedência à supremacia do sentimento por José dos Montes e a sua posterior entrega ao branco Soares, veículo de poder social e econômico, dão forma à natureza paradoxal que caracteriza um terceiro espaço identitário (BHABHA, 1994), enquanto fruto do processo de hibridação. Num diálogo pleno de significado, mãe e filha exprimem diferentes concepções do feminino, sendo que em sua essência, ambas conjugam-se na valorização da mestiçagem como ponte para a ascensão social e económica:

- Porque não me fizesse com um branco, mãe? Felizes são as brancas e as mulatas, que nasceram com diamantes no corpo.
- Para que essa tortura? És preta e ainda bem ... Não faltará um branco para morrer de amor por ti, minha filha. (CHIZIANE, 2008, p. 84)

Delfina metaforiza a “coisificação” do corpo feminino. O corpo feito objecto que, prostituído, conduz paradoxamente à independência económica. O corpo feito objecto que gera crianças negras, Maria das Dores e Zezinho, mas também tem o poder de gerar filhos nulos, Luizinho e Maria Jacinta, canais de um pretense apuramento racial. Em paralelo, Chiziane não exclui do corpo masculino o valor simbólico do processo de miscigenação. É em Lavaroupa Silveira – cujo próprio nome evidencia a subjugação colonial, invalidando o crescimento de uma identidade autónoma-, pai próspero de uma família multirracial e confidente de José dos Montes, que Chiziane recria simbolicamente o lado positivo de um tecido nacional racialmente heterogêneo.

A justaposição identitária a qual informa um espaço de indefinição idiossincrática está particularmente representada nas irmãs Maria das Dores e Maria Jacinta. Evocando intertextualmente as irmãs Sá Amélia e Sá Caetana, da narrativa **As visitas do Dr. Valdez**, de João Paulo Borges Coelho (2004), Maria das Dores e Jacinta vivem uma infância de cumplicidade, pontuada por recorrentes episódios de conflito. Jacinta testemunha o olhar acusatório dos colegas do seu pai branco, Soares, que apesar de negar a paternidade de uma “negra”, perde estatuto profissional. Vê igualmente o seu avô negro ser chicoteado por um polícia branco que o acusa de ter roubado uma “criança branca”. Maria das Dores constata a discriminação com base na cor que a sua mãe, Delfina, não esconde em seu modo

diferente de “amar” os filhos. É entregue ainda menina por sua mãe, ao velho Simba, integrando uma realidade matrimonial poligâmica, em que as dependências químicas se tornam um enganoso escape, o qual só se concretiza na sua fuga com os filhos gerados dessa relação.

As consequências do processo de hibridação desenvolvido em **O alegre canto da perdiz** não se limitam à leitura do corpo mestiço enquanto espelho do encontro inter-racial, incluindo, também, uma leitura de encontros interculturais. A fusão de mundividências distintas concretiza-se nas coexistência do Catolicismo com conceptualizações tradicionais do sobrenatural, representadas, em particular, pelos curandeiros Simba e Moyo. Significativamente, José dos Montes conquista o estatuto de assimilado numa tentativa desesperada de reconquistar Delfina através da negação da sua africanidade. Em consonância com a procura constante de um sentido de (falsa) pertença, José dos Montes alia-se às forças coloniais na guerra da independência. A sua artificial reconstrução identitária atinge o auge no assassinato de Moyo, metaforizando um corte com as raízes africanas.

A fuga, que se consolida na deslocação espaço-temporal de Delfina e de Maria das Dores, revela-se como um percurso de entendimento identitário. A realidade do fim do período colonial, que acompanhou a existência de Delfina, dialoga com a contextualização pós-colonial, que transformou a guerra civil num cenário dominante no percurso de Maria das Dores. “Teresas Batistas, cansadas de guerra”, Delfina e Maria das Dores buscam um sentimento de conexão e pertença que o reencontro com um renovado sentido de maternidade possibilita. A resolução catártica final, num período em que o Acordo de Paz pusera já fim ao conflito no país, reúne Delfina e José dos Montes aos filhos Maria das Dores, Maria Jacinta e Zezinho. A seu lado, Simba redescobre o sentido da paternidade na presença de seus filhos Benedito, Fernando e Rosinha gerados por Maria das Dores. A reconciliação final e o reconhecimento dos laços de um passado que une as vozes finalmente juntas, afirmam-se como sinédoque de uma harmonização racial e cultural que se anuncia. O curandeiro Simba deu vida ao padre Benedito e ao médico Fernando. Esbatem-se as fronteiras outrora balizadas por tonalidades copóreas. A cidade do Gurué afirma-se na sua condição de onomatopéia do canto da perdiz. A Zambézia, como ditou o poeta Rui de Noronha numa invocação, ela própria culturalmente híbrida, *surge et ambula*.